

Alteração da Disposição Mental II

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Leitura: O inconsciente consiste de: - conteúdos uma vez conhecidos, mas esquecidos ou reprimidos; - elementos subliminares ou combinações de elementos ainda não conscientes; - modelos herdados de instintos, os assim chamados “arquetipos” que determinam a conduta humana.

Aqui ele está generalizando, mas sabemos que a consciência, o campo consciente, está atuando numa determinada faixa de energetismo psíquico. Tudo que vem, que se aproxima desse campo, dentro dessa faixa de energetismo psíquico, de energia psíquica, pode ser “conscientizado”. Isto é, o centro da consciência – o ego – pode reconhecer o conteúdo como tal, na sua forma, na sua manifestação, na sua composição. Todos aqueles conteúdos, ou elementos psíquicos que não podem aproximar-se dentro dessa faixa, não vão ser conscientizados. Ou, talvez, subliminarmente conscientizados, tangencialmente! Ou de forma anômala. Mas nesse caso também não se perdem, porque fazem parte do inconsciente pessoal. Muitos conteúdos do inconsciente pessoal, depois se revelam como extensões de dinamismos inconscientes. Então, esse ponto é importante.

Agora temos que perceber duas coisas que não constam aqui porque na resposta da UNESCO não eram necessárias:

- 1. Uma é que há pessoas onde essa faixa energética para conscientizar é normal. - Depois posso até de modo um pouco “blasfemo” delinear o normal como uma média estatística: a maioria das pessoas tem essa faixa energética. Pode ser mais ampla em outras pessoas, que assimilam muito mais. Isto ainda é normal. Pode ser estreita em muitas pessoas que às vezes beiram as categorias limítrofes na organização psíquica. Em casos patológicos podem até existir obstáculos e impedimentos os mais variados.*
- 2. Agora, o outro ponto já é mais interessante no sentido de que existem elementos subliminares ou combinações de elementos ainda não conscientes. Evidentemente temos muitos elementos no inconsciente, que tendem a ser conscientes – Jung aponta muito que o inconsciente “quer” ser consciente. Então existe um fluxo, um fluxo*

espontâneo, auto iniciado, em determinados conteúdos inconscientes que, em tempo hábil, devem ser assimilados, tornando-se conscientes através daquele processo que Jung chama “psiquificação” – essa palavra é uma invenção dele e nem entrou muito em uso. Mas nos seus escritos a gente pode encontrar. Só que, então, tentamos salientar: há muitos elementos que como que “querem” ser conscientes. Mas não é o inteiro inconsciente coletivo que quer ser consciente. Existem muitos conteúdos inconscientes que, dentro da nossa existência atual, nunca, dentro dessa vida vão ser conscientes. Mas isto não significa que em certa fase anterior não foram conscientes. E até existem elementos que na vida embrional salientam-se um pouquinho, mas depois de nascer não tem vez, não tem a possibilidade, por qualquer razão, de tornar-se conscientes. Então, é como se fosse um complexo “inato”, que não vai ser consciente, nunca, mas constantemente perturbará a vida da consciência, mexendo lá, na área limítrofe. E isto a gente pode ver nos sonhos, pode trabalhar com o corpo e pode trabalhar também com aquelas técnicas de Netherton, das vidas passadas.

Para muitas pessoas é importante que percebam que a liberação desses conteúdos bloqueados, ou conteúdos tão próximos do campo consciente pode ocorrer através de um processo energético não harmonioso, por exemplo, uma doença, uma operação, ou qualquer coisa que seja.

Então, em certos momentos, certas “fixações” de fases transitórias anteriores podem ajudar, mas muitas vezes não tem muito efeito e muitas vezes até fixam a pessoa, criando uma “culpa antiga”. Mas isto depende muito - dentro da psicoterapia – daqueles psicoterapeutas que não deixam isto ocorrer. Nesses casos, o cuidado nunca é bastante para não forçar e ao mesmo tempo também não se omitir ou não deixar permanecer resíduos.

Conteúdos arquetípicos nunca vão ser conscientes na sua totalidade. O que Jung chama conteúdo arquetípico tem também extensões em categorias dinâmicas que só seriam perigosíssimas para o campo consciente se aparecem na consciência, pois poderiam perturbar enormemente o campo consciente. Podemos encontrar em certo pronunciamento apostólico “é terrível cair nas mãos do Deus vivente”. Isto é, face a face, deparar-se com dinamismo superior arquetípico – tanto faz qual é o nome que estamos dando – exige um preparo, uma fase preparativa bastante séria. Porque um encontro desse tipo poderá ameaçar o nosso equilíbrio psíquico. Até tenho que acrescentar que trabalhando adequadamente com o corpo, tais encontros repentinos ou inesperados que espantam e atemorizam e aterrorizam, com adequado trabalho corporal, eventualmente não ocorrem. Porque tais conteúdos só causam espanto ou prejuízo nos não preparados e o trabalho corporal prepara. Já que tudo está em conexão com tudo,

existe transferência psicológica e uma propagação do impulso através do trabalho corporal: ele prepara e repercute na categoria emotiva, mental, etc., para receber qualquer impacto. Não para “não sentir” o peso do impacto, mas não desmontar perante o peso do impacto. Que muitas vezes nem pesa tanto sobre nós, só transmite a ideia de grande peso e já faz as pessoas desmontarem.